

O PSICÓLOGO NO CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA: RELATO DE UMA PRÁTICA INVESTIGATIVA

THE PSYCHOLOGIST IN THE CENTER OF INTENSIVE THERAPY: REPORT OF AN INVESTIGATIVE PRACTICE

JÚLIA ROCHA SOARES¹; AYRAM RAMYRE PONTES MENDONÇA¹; MARIELLY ALVES DA SILVA¹; MARIA DOS ANJOS LARA E LANNA²

¹ Graduanda do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, *Campus* Betim.

² Doutora em Linguística. Professora do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia Hospitalar; acolhimento; tratamento humanizado; rotina hospitalar.

KEYWORDS: Hospital Psychology; host; humanized treatment; hospital routine.

INTRODUÇÃO: O presente trabalho sintetiza uma prática investigativa realizada na disciplina Psicologia Hospitalar do curso de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – *Campus* Betim, com o objetivo de propiciar aos alunos um conhecimento mais aprofundado sobre a atuação do psicólogo num Centro de Terapia Intensiva (CTI) ou numa Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de um Hospital Geral. Embora existam diferenciações entre esses setores de um hospital, alguns autores não realizam essa distinção, o que será seguido no presente resumo. De acordo com Sebastiani (1994), o CTI apresenta uma imagem vinculada à morte e ao sofrimento, o que ocorre pelo fato desse setor do hospital se dedicar ao cuidado intensivo de casos graves que exigem serviços especializados e constantes. O CTI possui como características a rotina de trabalho acelerada, as situações de mortes iminentes e o caráter constante de apreensão, que acabam proporcionando um alto nível de tensão e estresse, tanto nos pacientes e em seus familiares, quanto nos próprios profissionais da saúde. Frequentemente, o paciente que está internado nesse setor apresenta medo, ansiedade, isolamento da sua rotina cotidiana e nervosismo. Já Haberkorn (2009) afirma que o paciente que se encontra internado gravemente numa UTI é considerado como um sujeito especial devido a sua condição física e psicológica, além de todos os cuidados dedicados a ele. A atuação do psicólogo, nesse setor do Hospital Geral, ocorre por meio dos atendimentos a pacientes e familiares, além de realizar a escuta da equipe e da instituição visando o bem estar físico e mental do paciente; intervém quando existe a necessidade de mediação entre familiares e a equipe profissional. Citando Romano, a autora aponta a importância da participação ativa do psicólogo no desenvolvimento da humanização da UTI, ressaltando o ponto de vista de Gomes e

Santos de que a humanização não é apenas uma mudança no espaço físico, mas também nas atitudes e comportamentos frente ao paciente e aos familiares. **MATERIAL E MÉTODO:** Para que houvesse a compreensão desse campo de atuação pelos alunos de Psicologia, realizou-se um estudo teórico prévio para fundamentação da entrevista semiestruturada que foi realizada com uma psicóloga que trabalha no CTI de um Hospital Geral da região metropolitana de Belo Horizonte. A metodologia da entrevista semiestruturada, segundo Manzini (2004), tem sua atenção voltada para a formulação de perguntas que seriam primordiais para o entendimento da temática investigada. Ela possui como características os questionamentos básicos que são sustentados por hipóteses e teorias que se relacionam com o assunto a ser pesquisado. A partir desses questionamentos, que são colocados pelo investigador-entrevistador, surgiram novas hipóteses através das respostas adquiridas. O roteiro elaborado teria a função de organizar o processo de interação com o informante. O autor retoma afirmação feita em obra anterior de que esse instrumento propicia a emergência de informações de uma maneira livre e dinâmica, além de que as respostas não são condicionadas a um padrão prévio. Através das respostas oferecidas pela psicóloga foi possível construir um painel para apresentação da prática investigativa sobre a atuação do psicólogo hospitalar no setor do CTI. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** A partir das interlocuções teóricas sobre a atuação em Psicologia Hospitalar no ambiente do CTI e sobre os dados obtidos na entrevista com a psicóloga que trabalha em um CTI adulto e no CTI Neonatal de seu Hospital foi possível identificar alguns pontos importantes dessa prática, considerando os desafios que o psicólogo encontra nessa área de atuação, contribuindo para esclarecer dúvidas frequentemente apresentadas pelos alunos do Curso de Psicologia. A rotina no setor do CTI está atravessada por aspectos como a iminência da morte, a grande quantidade de aparelhos que possibilita a vida, mas frequentemente amedronta quem não está habituado com sua presença, ou a falta de recursos de comunicação dos pacientes que, dependendo do quadro clínico em que se encontram, dificulta a interação com a equipe e com o processo do tratamento. No CTI Neonatal, onde a psicóloga entrevistada atua, exige-se um manejo especial junto às famílias, principalmente junto às mães, no sentido de ajudá-las a compreender a situação dos pacientes, já que na maior parte dos casos, os bebês internados são prematuros: *“todos que estão no CTI precisam de estar entubados, de usar o respirador, então é uma situação de risco, de gravidade em que as mãezinhas ficam muito angustiadas”*. De acordo com a psicóloga, a maioria dos seus

atendimentos é realizada nos corredores e ao lado dos leitos, devido ao fato de muitas das vezes necessitar de um acolhimento imediato, na medida em que muitas mães desenvolvem um quadro depressivo após o parto. É preciso perceber e cuidar da angústia das mães por não terem bebês saudáveis nem poderem levá-los para casa, além de buscar minimizar a ansiedade diante do risco que significa qualquer internação. Nesse contexto, a psicóloga relata que o Hospital Geral desenvolve um grupo de mães semanalmente, onde ela, juntamente com uma médica, escuta essas mães e responde as dúvidas, com o objetivo de esclarecer o quadro clínico em que suas crianças se encontram. O grupo tem como intuito trabalhar a ressignificação dessa angústia, pensando também na recuperação dos bebês que estão internados. Uma limitação encontrada no trabalho com os grupos é a falta de sala própria para a Psicologia, o que faz com que sua realização ocorra em uma sala multiprofissional onde os prontuários dos pacientes são guardados, sofrendo interferência da entrada e saída dos profissionais da saúde e dificultando os relatos e as discussões de assuntos mais íntimos. Outras atividades do psicólogo no CTI Neonatal são a interconsulta e o auxílio na comunicação de más notícias ou de informações gerais sobre o estado clínico de cada bebê. A psicóloga relata: *“O médico comunica e a gente fica ali com a mãe, em casos de falecimento de algum bebê, por exemplo.”* É interessante observar que, durante o comunicado das notícias, se percebe como o trabalho do psicólogo é fundamental, no sentido de realizar o amparo das mães e dos familiares que se encontram angustiados com a internação dos bebês. Também é importante ressaltar que a escuta psicológica sustenta tanto o trabalho de humanização quanto o acolhimento da dor das pessoas envolvidas. Como Haberkorn (2009) relata, o psicólogo que atua na UTI tem como objetivo acolher, dar sentido e amenizar, de maneira terapêutica, as fantasias, sentimentos e dificuldades provindas dessa internação estressante, permitindo assim o alívio da angústia e a melhora da qualidade durante a permanência. Isso transparece na fala da psicóloga: *“Às vezes, assim, três dias no CTI já provoca uma angústia e uma desorientação... algo psíquico, porque as luzes são constantemente acesas, os barulhos das máquinas... é um ambiente bastante estressante; e um confinamento, então, assim, isso propicia que o paciente desencadeie um quadro confusional, às vezes eles brincam: ‘ah, ele tá com “ceteite”, é só sair do CTI que melhora”*. A entrevistada ressaltava também o fato de que seu trabalho no CTI se mostra frequentemente como uma intervenção de “apagar incêndios”, focalizando apenas o que o

paciente ou familiar está trazendo naquele momento. Também relata que, quando necessita realizar um atendimento a um paciente que está entubado, precisa realizar leitura labial para conseguir atendê-lo e compreender sua demanda. **CONCLUSÕES:** Diante do que foi exposto, conclui-se pela importância da atuação do psicólogo hospitalar tanto em um CTI Neonatal, quanto em um CTI adulto, uma vez que atuação contribui para mudanças significativas, pois este profissional não trabalha apenas diretamente com o paciente hospitalizado, mas também com a sua família e a equipe médica, contribuindo para que os atendimentos aos pacientes e familiares ocorra de maneira mais humanizada, minimizando o sofrimento, bem como melhor desempenho das equipes de saúde no hospital. Também se pode perceber que a expectativa das mães com o nascimento dos bebês é levá-los saudáveis para casa e que a necessidade de um período de internação no CTI Neonatal causa angústia e ansiedade, que torna fundamental a escuta psicológica para o acolhimento dessas mães. Dessa forma, espera-se que essa apresentação contribua para a compreensão da importância da escuta e do acolhimento do profissional da psicologia nesse campo de atuação e, conseqüentemente, incentive mais estudos na área. A prática investigativa realizada contribuiu para o esclarecimento de dúvidas dos alunos, despertando o interesse e possibilitando a reflexão sobre atuação na Psicologia Hospitalar.

REFERÊNCIAS

HABERKORN, Adriana. Atuação Psicológica na UTI. In: BRUSCATO, Wilze Laura. BENEDETTI, Carmen. LOPES, Sandra Ribeiro de Almeida. **A prática da Psicologia Hospitalar na Santa Casa de São Paulo: novas páginas em uma antiga história.** 2.ed. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2009.

MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS**, Bauru. n.2. 2004.

SEBASTIANI, Ricardo Werner. KNIJNIK, Rosa Berger. TRUCHARTE, Fernanda Alves Rodrigues. ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto Angerami. **Psicologia Hospitalar: Teoria e Prática.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2003.